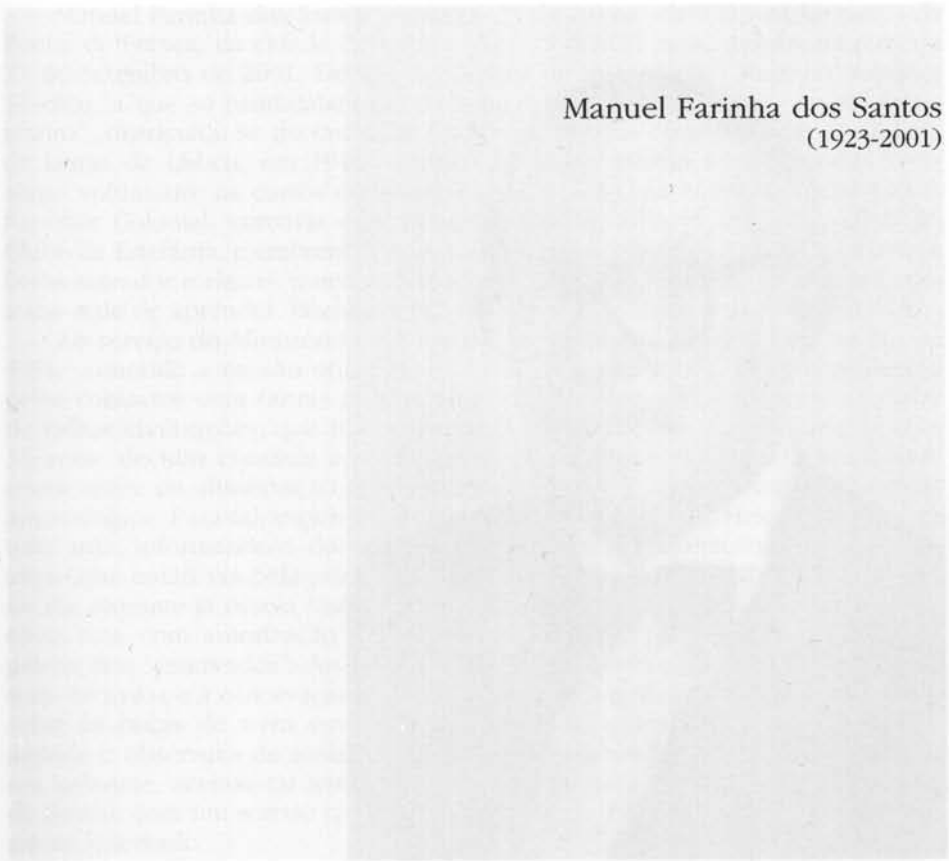
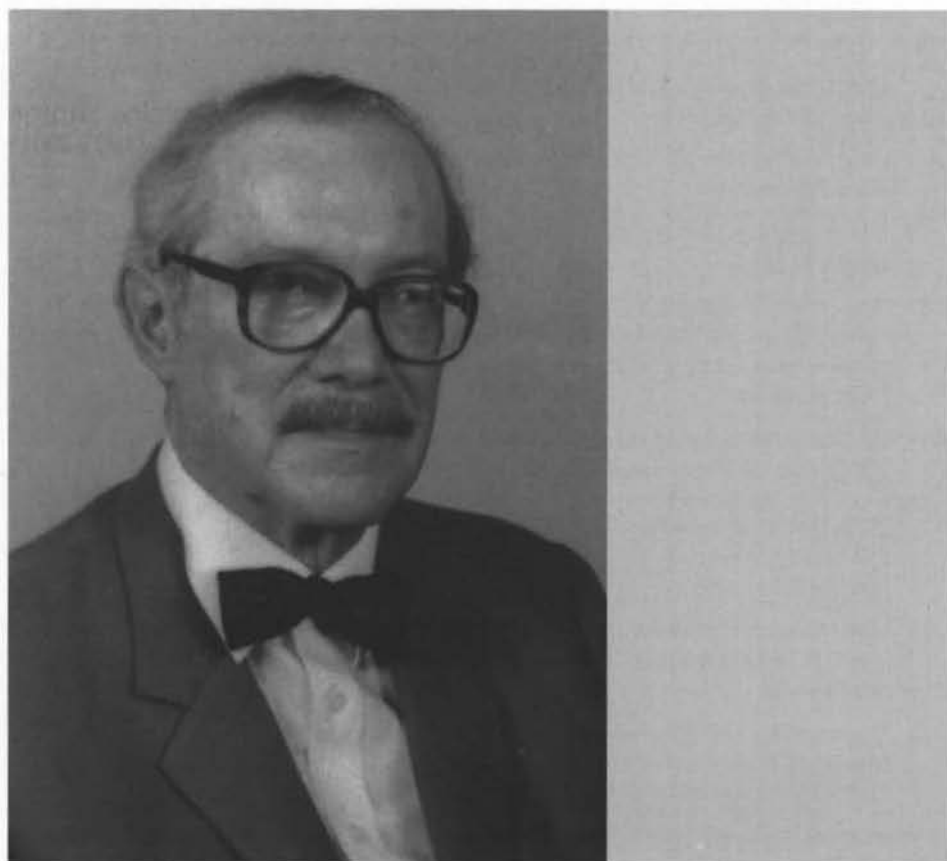

In Memoriam

Manuel Farinha dos Santos
(1923-2001)



In Memoriam



Manuel Farinha dos Santos nasceu a 24 de Agosto de 1923 na freguesia da Penha de França, da cidade de Lisboa, vindo a falecer nesta mesma freguesia a 29 de Setembro de 2001. Depois de desistir de ingressar no Instituto Superior Técnico, a que se candidatara por influência de sua mãe, “que o queria engenheiro”, matriculou-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, com 19 anos. Ao mesmo tempo, tirara, como aluno voluntário, os cursos de Árabe e de Sânscrito, na então chamada Escola Superior Colonial, convivía com poetas e artistas, actuava no grupo coral do Clube da Estefânia, e embrenhava-se no estudo das principais religiões, dos seus livros sagrados e rituais, numa actividade intensa e polifacetada, condizente com a sua sede de aprender, fascinado pela natureza humana e seus mistérios.

Ao serviço do Ministério do Ultramar partiu para o Oriente, em Agosto de 1954; cumprida a missão oficial, regressou, em Outubro de 1956, enriquecido pelos contactos com outras gentes e a visita a antiquíssimas ruínas esquecidas das velhas civilizações, que lhe despertaram a paixão pela Arqueologia. Já com 34 anos, decidiu concluir a licenciatura, como aluno voluntário, escolhendo como tema da dissertação final, então obrigatória, um assunto de índole arqueológica. Para tal, esperou, um dia, o Professor Manuel Heleno, à saída de uma aula, informando-o do seu projecto. Apesar da hesitação deste, perante aluno que então via pela primeira vez, e do seu feitio difícil, distante e severo, no dia seguinte já estava instalado na Biblioteca do Museu a consultar livros e, coisa rara, com autorização para examinar vitrinas com espólios inéditos, na galeria dos “reservados”. Ao fim de alguns dias inteiramente dedicados à consulta de livros e à observação de materiais, propôs a Manuel Heleno um estudo sobre as peças de *terra sigillata* pertencentes às colecções. O Professor, que amiúde o observava de soslaio, quando atravessava a Biblioteca para entrar no seu gabinete, aceitou tal temática convidando-o para almoçar num restaurante de Belém, com um sorriso que ainda desconhecia naquele semblante, habitualmente reservado.

Concluída a dissertação de Licenciatura, em Julho de 1958, Manuel Farinha dos Santos foi convidado por Manuel Heleno para segundo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, no ano lectivo de 1959/1960. Iniciou-se, então, nova etapa da sua vida. Ciente de que o ensino da Arqueologia requeria uma forte e exigente componente prática, mandou fazer uma grande mesa circular, com tampo rotativo, para as aulas práticas da disciplina de Pré-História; essa mesa existe ainda, no Museu Nacional de Arqueologia, então organismo anexo à Faculdade de Letras, onde tais aulas tinham lugar. Durante o seu percurso como docente universitário, realizou no Museu Nacional de Arte Antiga o Curso de Conservadores de Museus, Palácios e Monumentos Nacionais; a classificação obtida, de dezoito valores, valeu-lhe ser nomeado depois Professor daquele Curso e, em 1968, do Panteão Nacional, cargo de que foi afastado em 1975, para ser nele reintegrado, em 1982, mas não ressarcido de todos os desgostos sofridos. Entretanto, o Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, sob a direcção do Prof. Fernando de Almeida, beneficiou do trabalho dedicado de Manuel Farinha dos Santos, que nele assumiu as funções de conservador a título gratuito, tendo então a oportunidade de estudar, sozinho ou de colaboração, materiais das escavações de Manuel Heleno e das suas próprias, com destaque para os concheiros do vale do Sado.

Com o surto de desenvolvimento tecnológico e industrial que o País conheceu nos inícios da década de 1970, a sua visão dos acontecimentos, servida por espírito cartesiano sempre atento, manifestou-se de forma inovadora e, como sempre, com resultados práticos: refiro-me à criação do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, em Junho de 1972. É supérfluo sublinhar o alcance desta iniciativa. Hoje, quando a chamada "Arqueologia de salvamento" e os estudos de impacte ambiental, incluindo a componente arqueológica, estão na ordem do dia, não será de mais salientar este esforço pioneiro, de há precisamente trinta anos, cuja valia se encontra demonstrada pelos numerosos trabalhos publicados no âmbito da sua vigência, por si e por seus valiosos colaboradores, os Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Mas o projecto a que Manuel Farinha dos Santos ficou para sempre afectivamente ligado foi ao da gruta do Escoural, investigada sob sua direcção, entre 1963 e 1968, sob a égide do Museu Nacional de Arqueologia. É com contida emoção que o próprio descreve, em 1964, as circunstâncias da descoberta por si efectuada da arte pré-histórica na gruta, seis meses volvidos sobre os primeiros trabalhos na necrópole neolítica ali existente e depois de numerosos arqueólogos terem visitado o local: "Ao salpicar um conjunto de traços sumidos, de interpretação duvidosa e já observados muitas vezes, apareceu, com toda a nitidez, uma espantosa figura híbrida e itifálica, como que a anunciar, por recursos de magia, uma arte paleolítica que durante cerca de seis meses se recusara a mostrar-se ...".

Os contributos de Manuel Farinha dos Santos, para além das áreas científicas que cultivou – cerca de cento e cinquenta títulos sobre diversos temas e períodos, como Arte Ruprestre, Mesolítico (concheiros), Megalitismo, Neolítico (povoados e grutas sepulcrais), Calcolítico, Idade do Bronze (necrópoles do Bronze do Sudoeste), Idade do Ferro, Período Romano e Numismática, entre outros – deixaram ainda legado nas centenas de alunos que o ouviram, tantos nas aulas, como no campo, e, sobretudo, nas escavações arqueológicas que promoveu ou orientou. Prova do método e do rigor que transmitiu aos seus alunos,

são as palavras que se lêem na parte final da sua dissertação de Licenciatura, que procurou seguir, ao longo de toda a sua carreira de investigador e de formador de futuros arqueólogos, missão que continuou mais tarde, na Universidade Livre e, desde 1986 e até à morte, como professor catedrático convidado, na Universidade Autónoma de Lisboa, de que foi também fundador: "O solo encerra preciosos testemunhos no seu seio. Para os compreender é preciso saber escavar, camada por camada, esse registo rigoroso da Natureza. Constatei experimentalmente essa necessidade de usar técnicas apropriadas nas pesquisas arqueológicas, quando no Verão de 1957 participei, como principiante, na campanha de Tróia. Aprendi nesses trabalhos de campo que se deve anotar todos os pormenores, conjugar a imaginação do poeta com a minúcia do relojoeiro, utilizar largamente a fotografia, o desenho e o metro e ... não ter pressa."

Impulsionador de importantes iniciativas científicas, tanto na Associação dos Arqueólogos Portugueses, como na Academia Portuguesa da História, que dedicada e desinteressadamente serviu, não esquecia, contudo, a responsabilidade que os arqueólogos detinham para com as gerações pré-universitárias, ou, mais simplesmente, para com o público em geral: prova disso é o seu livro "Pré-História de Portugal", publicado em 1972, despertador de inúmeras vocações e da consciência da população em geral, posta em muitos casos pela primeira vez, perante os impressionantes testemunhos do portentoso passado pré-histórico do território português.

A terminar esta curta evocação do arqueólogo e do pedagogo que, com rara intuição se debruçou sobre o futuro da Arqueologia em Portugal, transcreve-se excerto de comunicação publicada há exactamente quarenta anos, nas actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia; as ideias ali expostas, podem ser ainda subscritas na sua generalidade, na actualidade. Ao mesmo tempo que se congratulava pela recente criação da disciplina de Pré-História na Faculdade de Letras de Lisboa (da qual foi o primeiro responsável), antevendo o desabrochar de vocações, pugnava pela criação de centros de investigação ligados a Universidades ou a outros estabelecimentos centrais que, "Distribuídos ao longo do País, se forem dotados de pessoal especializado e meios necessários, podem ser a vanguarda das actividades pré-históricas em todo o território nacional", desígnio que, de forma mitigada, só veio a concretizar-se muito recentemente.

Quanto à prática científica da Arqueologia, é igualmente de destacar a sua posição pioneira: "Temos de acabar, de uma vez para sempre, com o trabalho individual em pré-história.

A pesquisa deve ser feita por grupos de especialistas, preparados nas diversas técnicas (...). Sem esta actividade colectiva, não vale a pena proceder a trabalhos de campo". E, a concluir, declarava: "Se os problemas esboçados não forem vistos de frente, com decisão reformadora, é mais útil à Ciência deixar as antiguidades adormecidas, no seu sono muitas vezes milenar e esperar, com certa melancolia, que se criem melhores condições à pré-história portuguesa ...". Palavras que hoje, mais do que nunca, se afiguram actuais.

Keywords | Com as palavras-chave: História da Arqueologia Portuguesa

J. L. C.
Lisboa, Outubro de 2002